

## Índice

<i>Prefácio à primeira edição</i>	11
<i>Prefácio à segunda edição</i>	15
<i>Prefácio à terceira edição</i>	27
O Mistério das Catedrais	45
Paris	91
Amiens	165
Bourges	189
A Cruz Cíclica de Hendaia	223
Conclusão	235

## Prefácio à primeira edição

**É** tarefa ingrata e incômoda para um discípulo apresentar a obra escrita pelo seu próprio Mestre. Por isso, não me proponho analisar aqui *O Mistério das Catedrais*, nem sublinhar a sua beleza formal e o seu ensinamento profundo. A este respeito, confesso muito humildemente a minha incapacidade, e prefiro deixar aos leitores o cuidado de o apreciarem na sua validade e aos Irmãos de Heliópolis o prazer de recolher esta síntese, tão magistralmente exposta por um dos seus. O tempo e a verdade farão o resto.

Há já muito tempo que o autor deste livro não está entre nós. Extinguiu-se o homem. Só persiste a sua recordação. E eu sinto uma certa dor ao evocar a imagem do mestre laborioso e sábio, a quem tudo devo, lamentando que tenha desaparecido tão cedo. Os seus numerosos amigos, irmãos desconhecidos que esperavam dele a solução do misterioso *Verbum dimissum*, vão chorá-lo comigo.

Podia ele, tendo chegado ao ponto mais alto do Conhecimento, negar-se a obedecer às ordens do Destino? Ninguém é profeta na sua terra. Este velho adágio dá-nos, talvez, a razão oculta da perturbação que produz a centelha da Revelação na vida solitária e estudiosa do filósofo. Sob os efeitos dessa chama divina, o homem velho consome-se inteiramente. Nome, família, pátria, todas as ilusões, todos os erros, todas as vaidades se desfazem em pó. E, como a Fénix dos poetas, uma personalidade nova renasce das cinzas. Assim o pretende, pelo menos, a Tradição filosófica. O meu Mestre sabia-o. Desapareceu

quando soou a hora fatídica, quando se produziu o Sinal. E quem se atreveria a esquivar-se à Lei? Eu próprio, apesar de dilacerado por uma separação dolorosa, mas inevitável, agiria do mesmo modo, se me acontecesse hoje o feliz sucesso que obrigou o Adepto a renunciar às homenagens deste mundo.

Fulcanelli já não existe. No entanto, e isso nos consola, o seu pensamento mantém-se, ardente e vivo, encerrado para sempre nestas páginas como num santuário.

Graças a ele, a Catedral gótica revela-nos o seu segredo. E assim nos damos conta, com surpresa e emoção, de como foi talhada pelos nossos antepassados a primeira pedra dos seus alicerces, gema resplandecente, mais preciosa que o próprio ouro, sobre a qual Jesus edificou a sua Igreja. Toda a Verdade, toda a Filosofia, toda a Religião repousa sobre esta Pedra única e sagrada. Muitos, cheios de presunção, julgam-se capazes de modelá-la; e, no entanto, são tão raros os eleitos cujas simplicidade, sabedoria, habilidade lhes permitem alcançá-lo!

Mas isso pouco importa. Basta-nos saber que as maravilhas da nossa Idade Média contêm a mesma verdade positiva, o mesmo fundo científico que as pirâmides do Egito, os templos da Grécia, as catacumbas romanas, as basílicas bizantinas.

Esse é o alcance geral do livro de Fulcanelli.

Os hermetistas — ou, pelo menos, os que são dignos desse nome — descobrirão nele outra coisa. Costuma dizer-se que é do conflito das ideias que nasce a luz; eles descobrirão que, aqui, é graças ao confronto do Livro com o Edifício que se desprende o Espírito e morre a Letra. Fulcanelli fez para eles o primeiro esforço; aos hermetistas cabe fazer o último. O caminho que falta percorrer é curto. Mas devemos conhecê-lo bem e não caminhar sem saber para onde vamos.

Quereis que vos diga algo mais?

Sei, não por tê-lo descoberto por mim mesmo, mas porque o autor mo afirmou, há mais de dez anos que a chave do arcano maior é dada, sem qualquer fantasia, por uma das figuras que ornamentam a presente obra. E essa chave consiste simplesmente numa cor manifestada



I. NOTRE-DAME DE CONFESSION.  
Virgem negra das criptas Saint-Victor, em Marselha.



II. NOTRE-DAME DE PARIS.

A Alquimia.

ao artesão desde o primeiro trabalho. Nenhum Filósofo, que eu saiba, descobriu a importância deste ponto essencial. Ao revelá-lo, cumpro as últimas vontades de Fulcanelli e sigo os ditames da minha consciência.

E agora que me seja permitido, em nome dos Irmãos de Heliópolis e em meu próprio nome, agradecer calorosamente ao artista a quem o meu Mestre confiou a ilustração da sua obra. É, efetivamente, ao talento sincero e minucioso do pintor Julien Champagne que *O Mistério das Catedrais* deve o envolvimento do seu esoterismo austero por um soberbo manto de figuras originais.

Eugène Canseliet  
Outubro de 1925

## Prefácio à segunda edição

Quando *O Mistério das Catedrais* foi redigido, em 1922, Fulcanelli não tinha recebido *O Dom de Deus*, mas encontrava-se tão perto da Iluminação suprema que julgou necessário esperar e guardar o anonimato, aliás por ele constantemente observado, mais ainda talvez por inclinação de carácter do que por questão de obediência rigorosa à regra do segredo. Porque devemos dizer que este homem de uma outra idade, pelo seu comportamento estranho, pelas suas maneiras antiquadas e pelas suas ocupações insólitas, atraía, sem querer, a atenção dos ociosos, dos curiosos e dos tolos, muito menos, no entanto, do que a que devia alimentar, pouco mais tarde, o desaparecimento total da sua personalidade comum.

Assim, desde a reunião da primeira parte dos seus escritos, o mestre manifestou a sua vontade — absoluta e sem apelo — de que ficasse na sombra a sua real entidade, de que desaparecesse o seu rótulo social, definitivamente trocado pelo pseudónimo exigido pela Tradição e desde há muito familiar. Esse nome célebre está tão solidamente implantado nas memórias, até às gerações futuras mais longínquas, que é impossível substituí-lo por qualquer patrónimo que seja, mesmo que aparentemente certo, o mais brilhante ou o mais bem preconizado.

Mas, pelo menos, devemos convencer-nos de que o pai de uma obra de tão alta qualidade não a abandonou assim que foi dada a conhecer sem ter razões pertinentes, senão imperiosas, profundamente

amadurecidas. Estas, num plano muito diferente, levaram-no à renúncia, que não pode deixar de exigir a nossa admiração quando os autores mais puros, entre os melhores, se mostram sempre sensíveis à vaidade pueril da obra impressa. Deve acrescentar-se que o caso de Fulcanelli não é semelhante a nenhum outro no reino das Letras do nosso tempo, visto que depende de uma disciplina ética infinitamente superior, segundo a qual o novo Adepto concilia o seu destino com o dos seus raros antecessores, tal como ele sucessivamente surgidos na sua época determinada, balizando a estrada imensa, como faróis de salvação e misericórdia. Filiação sem mancha, prodigiosamente mantida, a fim de ser reafirmada sem cessar, na sua dupla manifestação espiritual e científica, a Verdade eterna, universal e indivisível. Tal como a maior parte dos antigos Adeptos, deitando às urtigas do fosso os despojos do homem velho, Fulcanelli só deixou no caminho o vestígio onomástico do seu fantasma, cujo altaneiro cartão de visita proclama a aristocracia suprema.

\*

Para quem possui algum conhecimento dos livros de alquimia do passado, impõe-se como aforismo de base que o ensino oral de mestre a discípulo prevaleça sobre qualquer outro. Fulcanelli recebeu a iniciação desse modo, como nós próprios a recolhemos junto dele, não sem que devamos declarar que, pela nossa parte, Cyliani nos tinha já aberto a porta do labirinto, durante a semana em que, em 1915, apareceu o seu opúsculo reimpresso.

Na nossa Introdução às *Douze Clefs de la Philosophie* repetimos expressamente que Basile Valentin foi o iniciador do nosso mestre, e isso também para que nos fosse dada ocasião de mudar o epíteto do vocábulo, ou seja, substituir — por razões de exatidão — o adjetivo numeral *primeiro* pelo qualificativo *verdadeiro*, que tínhamos utilizado outrora no nosso prefácio das *Demeures Philosophales*. Nessa época, ignorávamos a existência da carta tão comovente que reproduzimos um pouco mais adiante e que extrai toda a sua impressionante

beleza do impulso de entusiasmo, do acento de fervor que inflamam de repente o autor, tornado anónimo pela assinatura raspada, o mesmo acontecendo com a indicação do destinatário devido à falta de sobrescrito. Esse foi, sem dúvida, o mestre de Fulcanelli, que deixou entre os seus papéis a epístola reveladora, cruzada por duas listas bistras no lugar das dobras por ter estado muito tempo guardada na carteira, onde pelo menos a vinha procurar a poeira impalpável e suja do enorme forno continuamente em atividade. Assim, o autor d'*O Mistério das Catedrais* conservou como talismã, durante anos, a prova escrita do triunfo do seu verdadeiro iniciador, que nada nos proíbe de publicar hoje, sobretudo porque dá uma ideia poderosa e justa do domínio sublime em que se situa a Grande Obra. Não cremos que nos censurem a extensão da estranha epístola da qual, sem dúvida, seria pena que se suprimisse uma única palavra:

«Meu velho amigo,

Desta vez, recebestes verdadeiramente o *Dom de Deus*; é uma grande Graça e pela primeira vez compreendo como esse favor é raro. Considero, efetivamente, que, no seu abismo insondável de simplicidade, o arcano não se pode encontrar apenas pela força da razão, por subtil e exercitada que ela seja. Enfim, possuis o *Tesouro dos Tesouros*, demos graças à Luz Divina que vos fez seu participante. Aliás, mereceste-o inteiramente pela vossa fê inabalável na Verdade, pela constância no esforço, pela perseverança no sacrifício e também não o esqueçamos... *Pelas vossas boas obras*.

Quando a minha mulher me anunciou a boa nova, senti-me atordado pela alegre surpresa e não consegui dominar-me perante tanta felicidade. De tal maneira que dizia a mim próprio: “Oxalá não paguemos esta hora de entusiasmo com algum terrível despertar.” Mas embora sumariamente informado acerca da questão, julguei compreender, e o que me confirma na certeza é que o fogo só se apaga quando a Obra está terminada e toda a massa tintorial impregna o vidro que, de decantação em decantação, fica absolutamente saturado e se torna luminoso como o sol.



Levastes a vossa generosidade a associar-nos a esse alto e oculto conhecimento que vos pertence de pleno direito e é inteiramente pessoal. Mais do que ninguém, nós avaliamos o seu preço, e também melhor do que ninguém somos capazes de vos guardar eterno reconhecimento. Sabeis que as mais belas frases, os mais eloquentes protestos, não valem a simplicidade comovente destas únicas palavras: *sois bom*, e é por essa grande virtude que Deus colocou na vossa cabeça o diadema da verdadeira realeza. Ele sabe que fareis nobre utilização do cetro e do inestimável apanágio que ele comporta. Nós conhecemos-vos há muito tempo como sendo o manto azul dos nossos amigos nas provações; o manto caridoso estendeu-se de repente, porque agora é todo o azul do céu e o seu grande sol que cobrem os vossos nobres ombros. Que possais gozar muito tempo dessa grande e rara felicidade para alegria e consolação dos vossos amigos e mesmo dos vossos inimigos, porque a desgraça tudo apaga e, a partir de agora, dispondes da varinha mágica que realiza todos os milagres.

A minha mulher, com essa inexplicável intuição dos seres sensíveis, teve um sonho verdadeiramente estranho. Viu um homem envolvido em todas as cores do prisma e elevado até ao sol. A sua explicação não se fez esperar. Que Maravilha! Que bela e vitoriosa resposta à minha carta, no entanto cheia de dialética e — teoricamente — exata; mas tão distante ainda do *Verdadeiro*, do *Real*! Ah! Quase pode dizer-se que aquele que saudou a *estrela da manhã* perdeu para sempre o uso da vista e da razão, porque é fascinado por essa falsa luz e precipitado no abismo... A menos, como no vosso caso, que um grande golpe de sorte venha tirá-lo bruscamente da beira do precipício.

Ardo em desejos de vos ver, meu velho amigo, de vos ouvir contar-me as últimas horas de angústias e de triunfos. Mas acreditai que nunca saberei traduzir por palavras a grande alegria que sentimos e toda a gratidão que temos no fundo do coração. Aleluia!

Abraça-vos e felicita-vos  
o vosso velho...

Aquele que sabe fazer a Obra *apenas pelo mercúrio* encontrou o que há de mais perfeito — ou seja, recebeu a luz e cumpriu o Magistério.»

\*

Uma passagem terá, talvez, espantado, surpreendido ou desconcertado o leitor atento e já familiarizado com os principais dados do problema hermético. Precisamente quando o íntimo e sábio correspondente exclama:

«Ah! Quase pode dizer-se que aquele que saudou a *estrela da manhã* perdeu para sempre o uso da vista e da razão, porque é fascinado por essa falsa luz e precipitado no abismo.»

Esta frase não parece estar em contradição com o que afirmámos há mais de vinte anos num estudo sobre o *Tosão de Ouro*<sup>1</sup>, a saber, que a estrela é o grande sinal da Obra, que ela autentica a matéria filosófica, ensina ao alquimista que não encontrou a luz dos loucos, mas sim a dos sábios; que consagra a sabedoria; e é denominada *estrela da manhã*. Notaram que precisámos resumidamente que o astro hermético é, primeiramente, admirado no *espelho da arte* ou *mercúrio* antes de ser descoberto no *céu químico* onde alumia de maneira infinitamente mais discreta? Não menos preocupado com o dever de caridade do que com a observância do segredo, embora passássemos por entusiasta do paradoxo, teríamos podido então insistir sobre o maravilhoso arcano e, com esse fim, copiar algumas linhas escritas num velho caderno, após uma dessas douradas conversas de Fulcanelli, as quais, temperadas com café açucarado e frio, faziam as nossas delícias profundas de adolescente assíduo e estudioso, ávido de inapreciável saber:

«A nossa estrela está só e, no entanto, é dupla. Sabei distinguir a sua marca real da sua imagem e notareis que ela brilha com mais intensidade à luz do dia do que nas trevas da noite.»

---

<sup>1</sup> Cf. *Alchimie*, p. 137. J. J. Pauvert éditeur.

Declaração que confirma e completa a de Basile Valentin (*Douze Clefs*), não menos categórica e solene:

«Duas estrelas foram concedidas ao Homem pelos Deuses para o conduzirem à grande Sabedoria; observa-as, ó Homem!, e segue com persistência a sua claridade porque nela se encontra a Sabedoria.»

Serão essas duas estrelas que nos mostra uma das pequenas pinturas alquímicas do convento franciscano de Cimiez, acompanhada da legenda latina exprimindo a virtude salvadora inerente à radiação noturna e estelar:

«*Cum luce salutem*; com a luz, a salvação.»

Em todo o caso, possuindo algum sentido filosófico e dando-se ao trabalho de meditar sobre estas palavras de Adeptos incontestáveis, ter-se-á a chave com a qual Cyliani abre a fechadura do templo. Mas se não se compreende, que se leiam os Fulcanelli e que se não vá procurar noutro lado um ensinamento que nenhum outro livro poderia dar com tanta exatidão.

Há, portanto, duas estrelas que, apesar de parecer inverosímil, formam realmente uma só. A que brilha sobre a Virgem mística — simultaneamente nossa mãe e mar hermético — anuncia a concepção e é apenas o reflexo da outra que precede a miraculosa vinda do Filho. Porque se a Virgem celeste é ainda chamada «*stella matutina*», a *estrela da manhã*; se é lícito ver nela o esplendor de um sinal divino; se o reconhecimento dessa fonte de graças dá alegria ao coração do artista, trata-se, no entanto, apenas de uma simples imagem refletida pelo espelho da Sabedoria. Apesar da sua importância e do lugar que ocupa para os autores, essa estrela visível, mas inatingível, atesta a realidade da outra, da que coroou o divino Menino no seu nascimento. O sinal que conduziu os Magos para a caverna de Belém, ensina-nos S. Crisóstomo, veio, antes de desaparecer, pousar na cabeça do Salvador e rodeá-la de uma glória luminosa.

\*

Insistimos neste ponto, tão certos estamos de que alguns nos agradecerão: trata-se verdadeiramente de um astro noturno cuja claridade irradia sem grande brilho no polo do céu hermético. Também importa, sem nos deixarmos enganar pelas aparências, instruímo-nos acerca desse céu terrestre de que fala Vinceslas Lavinius de Moravie e a propósito do qual insistiu Jacobus Tollius:

Terás compreendido o que é o *Céu* pelo meu pequeno comentário que se segue e pelo qual o *Céu químico terá sido aberto*. Porque *Este céu é imenso e reveste os campos de luz purpúrea, Onde se reconhecem os seus astros e o seu Sol.*

É indispensável ponderar que o céu e a terra, embora confundidos no Caos cósmico original, não são diferentes em substância nem em essência, mas tornam-se diferentes em quantidade, em qualidade e em virtude. A terra alquímica, caótica, inerte e estéril não contém, todavia, o céu filosófico? Seria então impossível ao artista, imitador da Natureza e da Grande Obra divina, separar no seu *pequeno mundo*, com a ajuda do fogo secreto e do espírito universal, as partes cristalinas, luminosas e puras, das partes densas, tenebrosas e grosseiras? Ora, essa separação deve ser feita, consistindo em extrair a luz das trevas e em realizar o trabalho do primeiro dos *Grandes Dias de Salomão*. É através dela que podemos conhecer o que é a terra filosofal e o que os Adeptos denominaram o *céu dos sábios*.

Filaleto, que, no seu livro *Entrada Aberta no Palácio Fechado do Rei*, se alargou mais acerca da prática da Obra, assinala a estrela hermética e conclui pela magia cósmica da sua aparição:

«É o milagre do mundo, a junção das virtudes superiores nas inferiores; é por isso que o Todo-Poderoso o marcou com um sinal extraordinário. Os Sábios viram-no no Oriente, ficaram surpreendidos e souberam logo que um Rei puríssimo tinha nascido no mundo. Tu, quando tiveres visto a sua estrela, segue-a até ao Berço; aí verás o belo Menino.»

O Adepto desvenda seguidamente a maneira de operar:

«Tomem-se quatro partes do nosso dragão ígneo que esconde no seu ventre o nosso Aço mágico, do nosso íman nove partes; misturem-se juntas por meio de Vulcano ardente, em forma de água mineral, onde sobrenadará uma espuma que deverá ser afastada. Rejeite-se a crosta, tome-se o núcleo, purifique-se três vezes pelo fogo e pelo sal, o que será fácil se Saturno viu a sua imagem no espelho de Marte.»

Enfim, Filaletto acrescenta:

«E o Todo-Poderoso imprime o seu selo real nessa Obra e ornamenta-a particularmente.»

\*

A estrela não é verdadeiramente um sinal especial do labor da Grande Obra. Podemos encontrá-la numa quantidade de combinações *arquímicas*, processos particulares e operações espagíricas de menor importância. No entanto, ela oferece sempre o mesmo valor indicativo de transformação, parcial ou total, dos corpos sobre os quais se fixou. Um exemplo típico é-nos fornecido por Jean Frédéric Helvétius nesta passagem do seu *Bezerro de Ouro* (*Vitulus Aureus*), que traduzimos:

«Um certo ourives de La Haye (*cui nomen est Grillus*), discípulo muito prático na alquimia, mas homem muito pobre segundo a natureza dessa ciência, há alguns anos<sup>2</sup>, pedia ao meu maior amigo — ou seja, a Jean-Gaspard Knöttner, tintureiro de panos — espírito de sal preparado de maneira diferente do vulgar. A Knöttner, informando-se *se esse espírito de sal especial seria ou não utilizado para os metais*, Gril respondeu: para os metais; seguidamente, deitou esse espírito de sal em cima de chumbo que tinha colocado num recipiente de vidro utilizado para os doces ou alimentos. Ora, após duas semanas apareceu, sobrenadando, uma muito curiosa e resplandecente Estrela prateada, como que disposta com um compasso por um artista muito

<sup>2</sup> Cerca de 1664, que é o ano da edição «princeps» e desaparecida do *Vitulus Aureus*.

hábil. Daí que Gril, cheio de imensa alegria, nos anunciou ter já visto a estrela visível dos Filósofos, acerca da qual, provavelmente, se tinha instruído em Basile (Valentin). Eu e muitos outros homens honrados olhávamos com extrema admiração essa estrela flutuante sobre o espírito de sal enquanto, no fundo, o chumbo continuava cor de cinza e inchado como uma esponja. Entretanto, com sete ou nove dias de intervalo, essa humidade do espírito de sal, absorvida pelo grande calor do ar do mês de julho, desaparecia, a estrela atingia o fundo e pousava sobre esse chumbo esponjoso e terroso. Esse foi um resultado digno de admiração e não apenas para um pequeno número de testemunhas. Finalmente, Gril copelou sobre um cadinho a parte desse mesmo chumbo colhida com a estrela aderente e recolheu, de uma libra desse chumbo, doze onças de prata de cadinho e, além disso, dessas doze onças, duas onças de ouro excelente.»

Esta é a descrição de Helvétius. Damo-la apenas para ilustrar a presença do sinal estrelado em todas as modificações internas de corpos tratados filosoficamente. Entretanto, não quereríamos ser a causa de infrutíferos e decepcionantes trabalhos empreendidos certamente por alguns leitores entusiastas, apoiando-se na reputação de Helvétius, na propriedade de testemunhas oculares e, talvez, também na nossa constante preocupação de sinceridade. É por isso que fazemos notar, àqueles que desejariam retomar o processo, que faltam nesta narrativa dois dados essenciais: a composição química exata do ácido hidrocloreto e as operações previamente executadas no metal. Nenhum químico nos contradirá se afirmarmos que o chumbo vulgar, qualquer que seja, nunca tomará o aspeto da pedra-pomes submetendo-o, a frio, à ação do ácido muriático. Várias preparações são, portanto, necessárias para provocar a dilatação do metal, separar as suas impurezas mais grosseiras e os elementos morredoiros, para o conduzir, enfim, pela fermentação requerida, ao enchimento que o obriga a tomar uma estrutura esponjosa, mole e manifestando já uma tendência muito marcada para a transformação profunda das propriedades específicas.

Blaise de Vigenère e Naxágoras, por exemplo, dissertaram acerca da oportunidade de uma longa cocção prévia. Porque se é verdadeiro

que o chumbo comum está morto — visto que sofreu a redução e que uma grande chama, diz Basile Valentin, devora um pequeno fogo —, não é menos verdade que o mesmo metal, pacientemente alimentado de substância ígnea, se reanimará, retomará pouco a pouco a sua atividade abolida e, de massa química inerte, tornar-se-á corpo filosófico vivo.

\*

Poderão admirar-se que tenhamos tratado tão abundantemente um único ponto da Doutrina, consagrando-lhe, inclusivamente, a maior parte deste prefácio, com o qual, conseqüentemente, receamos ter ultrapassado o fim designado habitualmente aos textos do mesmo género. No entanto, aperceber-se-ão de como era lógico que desenvolvêssemos este tema que introduz, no mesmo nível — diremos nós —, o texto de Fulcanelli. Desde o início, efetivamente, o nosso mestre deteve-se longamente sobre o papel capital da *Estrela*, sobre a *Teofania* mineral que anuncia, com certeza, a elucidação tangível do grande segredo encerrado nos edifícios religiosos. *O Mistério das Catedrais*, eis, precisamente, o título da obra de que damos — após a tiragem de 1926, constituída apenas por 300 exemplares — uma segunda edição, aumentada com três desenhos de Julien Champagne e com notas originais de Fulcanelli, reunidas exatamente, sem o menor acrescento nem a mais pequena modificação. Estas referem-se a uma questão angustiante que ocupou durante muito tempo a pena do mestre e de que diremos algumas palavras a respeito das *Desmeures Philosophales*.

De resto, se o mérito d'*O Mistério das Catedrais* tivesse de ser justificado, bastaria apenas assinalar que este livro voltará a trazer para a luz a cabala fonética, cujos princípios e aplicação tinham caído no mais total esquecimento. Após esse ensinamento pormenorizado e preciso, após as breves considerações que fizemos a propósito do centauro, do homem-cavalo de Plessis-Bourré, em *Deux Logis Alchimiques*, não se poderá mais confundir a língua matriz, o idioma enérgico, facilmente compreendido embora jamais falado

e, sempre segundo Cyrano Bergerac, *o instinto ou a voz da Natureza* com as transposições, as intervenções, as substituições e os cálculos não menos abstrusos do que arbitrários da *kabbala* judaica. Eis porque importa diferenciar os dois vocábulos cabala e *kabbala*, a fim de os utilizar com conhecimento de causa: o primeiro derivando de *καβάλλης* ou do latim *caballus*, cavalo; o segundo, do hebraico *kabbalah*, que significa tradição. Finalmente, não se deverá alegar como pretexto os sentidos figurados, alargados por analogia, de *conventículo*, de *ardil* ou de *intriga* para recusar ao substantivo *cabala* o emprego que só ele é capaz de assegurar e que Fulcanelli lhe confirmou magistralmente, recuperando a chave perdida da *Gaia Ciência*, da *Língua dos Deuses* ou dos *Pássaros*. Essas mesmas que Jonathan Swift, o singular Deão de Saint-Patrick, conhecia a fundo e praticava à sua maneira, com tanta ciência e virtuosidade.

Eugène Canseliet  
Savignies, agosto de 1957